

# Teoria social de Marx: conhecimentos e contribuições ao trabalho do assistente social

*Marx's social theory: knowledge and contributions to the work of social worker*

Lindamar Alves Faermann \*

## Resumo:

Evidenciam-se, no estudo apresentado neste artigo, as contribuições da teoria social de Marx para o trabalho do assistente social, e são elucidados conhecimentos e mediações importantes, resultantes dessa perspectiva teórico-metodológica no campo profissional. Na sua composição, apresenta-se, inicialmente, um panorama geral sobre a inserção do pensamento marxista no Serviço Social brasileiro e, na sequência, discute-se o papel da teoria social no âmbito da profissão, pontuando alguns equívocos que permeiam essa discussão, em especial, no tocante à instrumentalização técnico-profissional. Com base nessas considerações, são assinalados os avanços na produção do conhecimento em Serviço Social, a partir da sua interlocução com a produção marxiana e sua tradição, que concorreram, decisivamente, para oxigenar e qualificar a profissão, assim como, para oferecer subsídios teórico-políticos ao trabalho do assistente social.

**Palavras-Chave:** Serviço social. Trabalho profissional. Teoria social de Marx.

## Abstract:

*This article highlights the contributions of Marx social theory to the work of the social worker, clarifying knowledge and important mediations resulting from this methodological-theoretical perspective in the professional field. In its composition, initially presents a general overview about the Marxist thought insertion in the Brazilian social service, in the sequence, discusses the role of social theory in the profession scope, punctuating biases related to this issue, particularly regarding to technical-professional instrumentation. Based on these considerations, it highlights knowledge production advances in Social Work from its dialogue interlocution with the Marxist production and its tradition, which decisively contributed to oxygenate and qualify the profession as well as to offer theoretical political subsidies to the work of Social Worker.*

**Keywords:** Social service. Professional work. Marx's social theory.

## Introdução

A formação e o exercício profissional do assistente social são atravessados por inúmeros desafios na atualidade, o que revela o nível de complexidade que marca a profissão neste tempo presente, exigindo resistência e competência dos profissionais para

---

\* Assistente Social. Mestrado e doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Universidade de Taubaté. E-mail: [lindafaermann@yahoo.com.br](mailto:lindafaermann@yahoo.com.br)

enfrentá-los e, ao mesmo tempo, demandando a ampliação de conhecimentos para empreender ações na direção do projeto ético-político.

A crise atual do capital e as transformações no mundo do trabalho instituíram profundas redefinições na sociedade, no Estado e nas políticas sociais, o que se refletiu nos processos de trabalho dos assistentes sociais, que passou a exigir um perfil de profissional apto às requisições contemporâneas, portanto, um profissional polivalente e versátil, conduzido por uma racionalidade técnico-instrumental focada na superficialidade dos fenômenos sociais e não em suas determinações fundantes. Neste sentido, Netto (1996) lembra que esse cenário tem exigido dos profissionais coragem cívica e intelectual para consolidar os princípios e os valores do Serviço Social.

Ressalta-se que, no âmbito da formação, não são poucos e nem simples os problemas que emergem, entre eles: a lógica de empresariamento da educação; a implementação massiva do ensino à distância, sem critério e nem qualidade; a intensificação da exploração docente; e a precarização das condições de trabalho dos profissionais e da aprendizagem dos alunos.

A atual configuração do ensino, segundo Chauí (2003), tem transformado a Universidade - uma instituição social, tradicionalmente, voltada para a universalidade, cuja referência é a sociedade e seus valores emancipatórios, em uma organização social orientada sob o prisma da "Universidade Operacional". Ao ser transformada em organização social, essa proposta de Universidade torna-se referência de si mesma, estruturada por normas e padrões alheios ao conhecimento e à formação intelectual, "pulverizada em micro organizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual." (CHAUÍ, 2003, p. 3).

No âmbito interventivo, o assistente social vivencia um processo de precarização e burocratização de suas condições e relações de trabalho e de limitação em sua autonomia e em sua criatividade profissional. Atrelado a esse processo, lida, cotidianamente, com o sucateamento das políticas públicas e com os poucos recursos para o desenvolvimento de suas atividades laborais e para a efetivação dos direitos sociais dos usuários.

Essa realidade confirma, na verdade, a ampliação das desigualdades decorrentes da questão social, que se operam por meio de múltiplas mediações em demandas para a profissão. As respostas a essas demandas dependem de um conjunto de fatores, dentre

eles, dos serviços e dos bens e recursos disponíveis para o atendimento das necessidades dos usuários e das competências e habilidades profissionais, isso é, de seu arcabouço teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo para viabilizar ações na perspectiva do fortalecimento e da defesa dos direitos humanos.

Aqui, entra o domínio das políticas, das legislações, dos instrumentos, das técnicas, das estratégias e, essencialmente, de um referencial teórico que possibilite ao profissional analisar e intervir, criticamente, na realidade. Sem a apropriação desse referencial, o assistente social não terá condições objetivas para captar as possibilidades de ação contidas nessa realidade, de analisar a sociedade em sua historicidade, tampouco de desvendar o funcionamento do sistema capitalista, suas crises e seus desdobramentos na vida social. Assim,

[...] quanto mais os assistentes sociais forem capazes de explicar e compreender as lógicas que produzem a pobreza e a desigualdade, constitutivas do capitalismo, mais condições terão para intervir, para elaborar respostas profissionais qualificadas do ponto de vista teórico, político, ético e técnico - o conhecimento teórico é a primeira ferramenta do trabalho do assistente social (YAZBEK, 2010, p. 1).

Compreende-se, então, que, para exercer seu trabalho, o assistente social precisa dispor de um conjunto de competências técnicas, teóricas e políticas. Se, por um lado, essa é uma questão consensual no Serviço Social, por outro, permanecem algumas confusões, entre elas, a ideia de que o conhecimento teórico, em especial, o que decorre do arcabouço da teoria social de Marx, oferece conhecimentos técnicos para a intervenção profissional. Assim, circula a ideia, entre setores da categoria, da aplicabilidade direta da teoria social na prática profissional.

Nessa perspectiva, a teoria social é concebida como um conjunto de conhecimentos e procedimentos que possibilitam produzir, em tempo real, o produto ou o resultado esperado. Com base nessa ideia, muitos profissionais tentam aplicar a teoria social em suas práticas cotidianas e, por não conseguirem - visto não ser de sua natureza oferecer conteúdos técnico-profissionais -, reproduzem o velho jargão de que “na prática, a teoria é outra.” Com efeito, ao apresentarem leituras teóricas imprecisas, os assistentes sociais mantêm vivas representações tradicionais, além de darem vazão a práticas conservadoras, incoerentes e utilitaristas.

Segundo Barroco e Terra (2012, p. 213), a reatualização do conservadorismo, no campo profissional, tem sido favorecida pela precarização na formação em Serviço Social e pela “fragilização de uma consciência crítica e política, que pode motivar a busca de respostas pragmáticas e irracionais, a incorporação de técnicas aparentemente úteis em um contexto fragmentário e imediatista.”

As implicações dessa situação, no campo profissional, precisam ser consideradas e, assim, buscou-se, neste estudo, problematizar os impasses que as envolvem. Para tanto, apresenta-se, inicialmente, um quadro geral sobre a inserção do pensamento marxista no Serviço Social brasileiro, e, na sequência, discute-se o papel da teoria social no âmbito da profissão, destacando a questão da relação teoria e prática, na perspectiva do materialismo histórico e dialético, e os *imbróglis* relacionados a essa discussão no Serviço Social.

### **A inserção do pensamento marxista no Serviço Social brasileiro**

A aproximação do Serviço Social brasileiro com a produção marxiana e sua tradição ocorreu no percurso dos anos de 1960, no marco da renovação<sup>1</sup> profissional, período em que a profissão já havia alcançado expressivo patamar de institucionalização. Segundo Netto (1996), o conservadorismo que predominava no campo profissional somado à ausência de uma clara preocupação teórica, entre os assistentes sociais, foram os elementos indutores dessa tardia aproximação.

Em meados dos anos 60 e início dos anos 70, quando as conjunturas brasileira e latino-americana eram, fortemente, pressionadas por uma conexão entre a autocracia burguesa e um governo militar ditatorial, os assistentes sociais impulsionaram um movimento que realizou uma análise crítica da formação e do exercício profissional, no contexto de suas realidades nacionais. Esse processo não representou um movimento particular e isolado, ao contrário, foi resultado da combinação de determinações da conjuntura social, política e econômica da América Latina, que se convencionou chamar de Movimento de Reconceituação do Serviço Social.

---

<sup>1</sup> Por renovação, considera-se, assim como Netto (2001, p. 131), “o conjunto de características novas que, no marco das condições da autocracia burguesa, o Serviço Social articulou, à base do rearranjo de suas tradições e da assunção do contributo de tendência do pensamento social contemporâneo, procurando investir-se como instituição de natureza profissional dotada de legitimação prática, através de respostas a demandas sociais.”

O Movimento de Reconceituação, ocorrido no Brasil, de 1965 até meados dos anos 70, foi crucial para instigar a renovação no campo profissional. Foi a partir desse movimento que se explicitaram e “se confrontaram diferentes tendências para a profissão, quer do ponto de vista de seus fundamentos teórico-metodológicos, quer do ponto de vista de sua intervenção social” (YAZBEK, 2009, p. 145).

Não obstante, esse processo de reflexão e de crítica sobre o Serviço Social apresentou contradições no âmbito da categoria, cujas expressões apontaram diferentes posições no contexto da renovação profissional no Brasil.

Netto (2001), ao efetuar uma exaustiva análise da gênese, do desenvolvimento e da crise da autocracia burguesa no país, aponta os caminhos da renovação empreendida pelo Serviço Social naquele período. Dessa forma, afirma que, diante do processo de erosão do Serviço Social tradicional, a reflexão no âmbito profissional desenvolveu-se diferencialmente, quer cronológica, quer teoricamente, em três direções principais constitutivas desse percurso: de modernização, de reatualização do conservadorismo e de intenção de ruptura.

A primeira direção, de acordo com o autor, conformou uma perspectiva modernizadora para a profissão, empenhando-se em adequá-la como instrumento de intervenção, inserido no conjunto de técnicas a ser operacionalizado no contexto das estratégias do desenvolvimento capitalista. O auge de sua formulação localiza-se na segunda metade dos anos 60, com base em textos produzidos nos Seminários de Araxá e de Teresópolis, expressões emblemáticas de suas ideias.

A vertente modernizadora, caracterizada pela incorporação das abordagens funcionalistas, estruturalistas e sistêmicas, propunha a melhoria da sociedade pela mediação do desenvolvimento social e do enfrentamento da pobreza. Para tanto, buscava subsídios na modernização tecnológica e em processos e relacionamentos interpessoais (YAZBEK, 2009).

Já a segunda direção do processo de renovação profissional, identificada por Netto (2001) como reatualização do conservadorismo, foi, segundo o autor, a vertente que se caracterizou como menos aberta às mudanças que se colocaram nesse contexto. Essa direção recuperou os componentes da herança conservadora do Serviço Social, mostrando-

se legatária das características que conferiram à profissão o traço microscópico de sua intervenção.

Inspirada na fenomenologia, a perspectiva de reatualização do conservadorismo contou com a expressiva contribuição de Anna Augusta de Almeida. Em suas elaborações, a autora desenvolveu uma proposta de intervenção profissional, denominada “Metodologia Dialógica”, pautada em preceitos fenomenológicos e personalistas, apoiados, especialmente, nas ideias de Emmanuel Mounier (1905-1950), fundador do movimento personalista, e do filósofo Paul-Louis Landsberg (1901-1944), seguidor da fenomenologia.

No âmbito do Serviço Social, essa vertente priorizou as concepções de pessoa, de diálogo e de transformação, cuja articulação constituía a metodologia proposta por Almeida, que colocava a profissão na alçada da ajuda social. Essas ideias, expressas, primeiramente, em sua tese de livre docência, no ano de 1978, ganharam repercussão no marco dos Seminários de Sumaré e do Alto de Boa Vista.

Assim, no plano da autorrepresentação profissional, essa perspectiva preservou, por considerável tempo, um cariz emblemático, que procurou sustentar o tradicionalismo no debate profissional. Ao passo que, no espaço da prática institucional, “seu fôlego profissional-operativo foi curto. A culpa, se existe, não é dos seus formuladores: é da dinâmica mesma das relações sociais tomadas em sua teimosa objetividade” (NETTO, 2001, p. 246).

Nessa época, a conjuntura nacional estava marcada pelo declínio do ciclo autocrático burguês, aliado à existência de um clima de efervescência nas universidades, gerado pela crise da ditadura no país, bem como, pelas precárias condições de trabalho dos assistentes sociais e pela inserção, na base profissional, das camadas médias urbanas, e estes foram os fatores que contribuiriam para os questionamentos das primeiras vertentes (modernizadora e reatualizadora do conservadorismo) que animaram o processo de renovação do Serviço Social no Brasil.

A terceira direção desse processo, que Netto convencionou chamar de ‘intenção de ruptura’, diferentemente das anteriores, obteve, como substrato nuclear, uma crítica sistemática ao Serviço Social tradicional e a construção de uma proposta profissional de base marxista.

Essa direção tomou mais consistência, principalmente, graças à elaboração de quadros docentes e de profissionais cuja formação ocorreu no período entre o golpe do Estado de 1964 e a decretação do AI-5. Suas ideias iniciais foram explicitadas entre os anos de 1972 e 1975, por um grupo de jovens profissionais da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais. Num momento posterior, o conteúdo dessa iniciativa ficou impresso em um documento intitulado Método Belo Horizonte.

Os assistentes sociais que participaram desse movimento elaboraram uma crítica ao Serviço Social tradicional e propuseram uma alternativa que visava a romper com os suportes teóricos do legado conservador, a partir das premissas da teoria marxista – embora, inicialmente, com uma série de imprecisões, decorrentes da apreensão do “marxismo vulgar” ou, ainda, do “marxismo sem Marx”.

Efetivamente, a apropriação da vertente marxista no Serviço Social (brasileiro e latino-americano) não se dá sem incontáveis problemas, [...] que se caracterizam, quer pelas abordagens reducionistas dos marxismos de manual, quer pela influência do cientificismo e do formalismo metodológico (estruturalista) presente no "marxismo" althusseriano (referência a Louis Althusser, filósofo francês cuja leitura da obra de Marx vai influenciar a proposta marxista do Serviço Social nos anos 60/70 e particularmente o Método de B.H. Um marxismo equivocado que recusou a via institucional e as determinações sócio históricas da profissão (YAZBEK, 2009, p. 149).

Dentre os principais problemas constatados no Método Belo Horizonte, inspirado nas formulações maoístas e althusserianas, Netto (2001) destacou a errônea concepção de prática, entendida por essa direção como produtora de conhecimentos, e a concepção de teoria como conhecimento científico do mundo ou, ainda, como sistematização desses conhecimentos. Contudo, conforme o autor, em que pesem os questionamentos, as formulações da equipe que construiu o Método Belo Horizonte foram as únicas propostas que, entre as demais, avançaram nas elaborações teórico-políticas no campo profissional. A partir de então, gestaram-se as possibilidades de construção de um conhecimento crítico no Serviço Social.

Foi nesse contexto que muitos estudantes e profissionais, já formados em Serviço Social, a partir da segunda metade dos anos de 1960, estabeleceram seus primeiros contatos com o marxismo, através dos movimentos sociais e da resistência à ditadura militar. As influências iniciais do marxismo no Serviço Social, abrandadas pela autocracia

burguesa e por sua expressão política no regime militar brasileiro, vão adquirir maior visibilidade durante o processo de abertura democrática.

Desse modo, foi na década de 1980 que a perspectiva de intenção de ruptura atingiu sua maioria intelectual. As bases sociopolíticas de sua consolidação repousaram nas lutas pela democratização da sociedade brasileira, com o protagonismo do movimento operário e sindical e com a apropriação, pelo Serviço Social, do legado marxiano, contribuição dada, fundamentalmente, por Iamamoto e Carvalho (2012).

Pode-se afirmar que o primeiro estudo, no âmbito do Serviço Social brasileiro, fundamentado nas contribuições marxianas, foi o de autoria de Marilda Vilela Iamamoto, em parceria com Raul de Carvalho. Trata-se da obra *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil – esboço de uma interpretação histórico-metodológica* (1982).

A expressiva contribuição dessa obra está na releitura sobre a origem e a institucionalização do Serviço Social no Brasil, sustentada na proposta urbano-industrial impulsionada: pelo Estado brasileiro, a partir do governo de Getúlio Vargas (1930); pela modernização do trabalho leigo católico; e pelo aprofundamento da questão social, advinda das contradições entre capital e trabalho.

Foi, portanto, sob o legado deixado por essa direção que as relações entre o Serviço Social e a tradição marxista se fortaleceram, mantendo-se até os dias atuais. Entre outros feitos, cabe destacar a abertura ao debate crítico sobre a formação e o exercício profissional. Esse debate expressou-se em nível nacional, por meio de um quadro organizativo de assistentes sociais, coordenado pela Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social (ABESS), hoje ABEPSS, com vistas a instituir um fórum de discussões sobre o projeto profissional, que resultou na efetivação de um novo currículo aprovado em 1979 e referendado em 1982. Posteriormente, ocorreu a revisão do Código de Ética do Assistente Social (1993) e a construção do projeto ético-político, cujas raízes se encontram na recusa e crítica ao conservadorismo profissional.

Esse processo gerou, no circuito profissional, uma cultura de fortalecimento da orientação marxista, enquanto direção hegemônica, embora com o reconhecimento da pluralidade<sup>2</sup> intrínseca a qualquer profissão, através do respeito às diferentes correntes

---

<sup>2</sup> Conforme Netto (1999, p.102), “o *pluralismo* é um elemento factual da vida social e da própria profissão, que deve ser respeitado. Mas este respeito, que não deve ser confundido com uma tolerância liberal para com o ecletismo, não pode inibir a luta de ideias. Pelo contrário, o verdadeiro debate de ideias só pode ter

profissionais e a suas expressões teóricas. Portanto, tal interlocução, embora não seja a única no Serviço Social, vem sendo aprimorada e sistematizada nas diversas produções (livros, artigos, produções acadêmicas, comunicações de congressos, seminários e encontros de pesquisadores), desdobrando-se no âmbito interventivo.

### **O papel da teoria social no exercício profissional: reflexões sobre a relação teoria e prática**

No positivismo clássico defendido por Durkheim (1975, p. 104), “a ciência só aparece quando o espírito, abstraindo toda a preocupação prática, aborda as coisas com o único fim de ter representações delas”. Assim, para o conhecimento tornar-se ciência é preciso desvincular-se das atividades práticas, identificar os fatos sociais como coisas. Já no marxismo, há uma superação tanto da concepção positivista (cuja prática e ciência são vistas como instâncias excludentes), quanto da concepção idealista (cuja prática é entendida como mera atividade da consciência), visto que:

A dialética materialista é uma dialética revolucionária. Essa determinação é tão importante e de um peso tão decisivo para a compreensão de sua essência, que, antes mesmo de discorrermos sobre o método dialético em si, temos de entendê-la para abordarmos o problema de forma correta. Trata-se aqui da questão da teoria e da prática, e não somente no sentido em que Marx a entendia em sua primeira crítica hegeliana quando dizia que a ‘teoria se torna força material desde que se apodere das massas’. Trata-se, antes, de investigar, tanto da teoria como na maneira como ela penetra nas massas, esses momentos e essas determinações que fazem da teoria, do método dialético, o veículo da revolução; trata-se, por fim, de desenvolver a essência prática da teoria a partir da teoria e da relação que estabelece com seu objeto (LUKÁCS, 2003, p. 64- 65).

Desse modo, Marx rompeu com a relação de causa e efeito, atribuída por Hegel à História humana, que se dava por meio do movimento da tese-antítese-síntese, cujo resultado era o auto movimento do Espírito, a longa marcha da História, cujo fim consistiria na ruptura da alienação original entre Espírito e mundo. Assim, transferiu-se para o campo religioso as considerações metafísicas, tendo em vista que o processo histórico é o movimento da própria realidade, impulsionado pela humanidade; o único sujeito realmente ativo. Segundo ele:

---

como terreno adequado o pluralismo que, por sua vez, supõe também o respeito às hegemonias legitimamente conquistadas.”

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

Nesse sentido, Marx foi o responsável por apresentar as bases materialistas às concepções idealistas, pois apontou a necessidade de uma ação transformadora e negou o caráter passivo e contemplador do pensamento racional. Por isso, orientou suas investigações para a dimensão prático-efetiva. Para ele, a teoria deve se colocar a serviço da sociedade, tendo como objetivo desmistificar o real.

É certo que a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, que o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria converte-se em força material quando penetra nas massas. A teoria é capaz de se apossar das massas ao demonstrar-se *ad hominem*, e demonstra-se *ad hominem* logo que se torna radical. Ser radical é agarrar as coisas pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem (MARX, 2005, p. 151).

Em Marx, a teoria social compreende uma concepção de homem e de mundo, uma explicação geral sobre a sociedade capitalista burguesa, seu sistema, suas leis de funcionamento, suas conexões internas e suas relações. Além disso, encontra-se intimamente ligada a uma filosofia e a um método - o materialismo histórico e dialético. Para entender a gênese, o desenvolvimento e as condições da sociedade burguesa e de suas crises, Marx elaborou um método preciso para conhecer a realidade social. Trata-se de um método de investigação e de exposição crítica da sociedade burguesa, do real, na qualidade de concreto pensado. Assim, segundo ele:

Meu método dialético, por seu fundamento, não só difere do método hegeliano, como também é a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma em um sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criador do real, e o real é apenas sua aparição externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado (MARX, 1974, p. 27).

Para elaborar a reprodução ideal (teoria) da sociedade burguesa, Marx descobriu que o procedimento fundante seria a análise do modo pela qual nela se constrói a riqueza material. Assim, estudou a produção das condições materiais da vida social, iniciando suas

investigações pelo real-concreto (método). O pensamento, segundo Marx, deve ser coerente na aplicação do método e na comprovação de sua verdade na prática, uma vez que a realidade é mais rica do que qualquer esquema. Dessa forma, o pensamento chega a reproduzir, por meio da aplicação do método, o concreto pensado, mas esse processo é apenas uma aproximação do objeto real, pois, ao finalizar sua investigação, a realidade, por estar em permanente movimento, já se modificou.

Portanto, o método que tem por critério elevar-se do abstrato ao concreto, “não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo espiritualmente como coisa concreta. Porém, isto não é, de nenhum modo, o processo da gênese do próprio concreto.” (MARX, 1974, p. 410).

Nessa citação, Marx destaca que sua intenção com a investigação era a de conhecer a constituição do concreto: como o pensamento reconstrói e reproduz o objeto para que se retorne a ele como um concreto pensado. Entretanto, o autor distingue o movimento que o pensamento faz para elaborar o processo de constituição desse concreto, uma vez que ele já existe anteriormente e independente do esforço da razão de o apreender. Nesse sentido, aponta que o objeto pode existir sem o sujeito, no entanto, o conhecimento não prescinde deste, diferenciando, dessa forma, a teoria da prática, ao mesmo tempo em que assegura a unidade entre ambas, destacando a supremacia da última.

Essa discussão vai ser evidenciada na produção crítica do Serviço Social brasileiro a partir dos anos de 1980, período em que a teoria social de Marx ganha destaque nas obras e nas pesquisas profissionais, porém, não sem nota, vai ser incorporada com certas imprecisões, pois permanecem, até os dias atuais, alguns *imbróglis* relativos ao papel da teoria social no exercício da profissão.

Para Santos (2006), esses *imbróglis* localizam-se no âmbito do ensino. Em suas considerações, a formação não vem tratando das especificidades da relação teoria e prática na perspectiva do materialismo histórico e dialético. O currículo de 1996 deixa claro que o ensino da teoria e da prática deve ser contemplado pelos três núcleos que alicerçam a formação profissional: fundamentos teórico-metodológicos da vida social, fundamentos da particularidade da formação sócio histórica da sociedade brasileira e fundamentos do trabalho profissional. Esses núcleos dispõem de um conjunto de conhecimentos indissociáveis entre si, porém, adverte a autora, que, embora haja essa articulação, os

conteúdos oferecidos não desenvolvem as mesmas capacidades formativas. Por isso, avalia que o ensino da teoria e da prática deve acontecer em nível diferenciado, isto é, a formação deve possibilitar o entendimento da unidade na diversidade presente na relação teoria e prática, o que, segundo ela, não vem acontecendo.

A teoria vem sendo apreendida como algo que se transforma em prática de forma imediata e que, por si só, oferece os procedimentos para a intervenção: é da teoria que se retira, imediatamente, os instrumentos próprios a ela; além disso, esta é compreendida como análoga à formação profissional. Por outro lado, a prática vem sendo vista como sinônimo de instrumentos e de técnicas direcionadas, exclusivamente, ao mercado de trabalho e reduzidas a comportamentos próprios da ação profissional. Assim,

[...] diante da dificuldade de compreensão do âmbito da teoria e do âmbito da prática – já que a primeira é supervalorizada –, os profissionais se veem diante da dificuldade de compreensão do como a teoria contribui para a ação, de saber qual é o papel da teoria e quais são seus limites. Assim, tentam enquadrar a teoria na prática e, não conseguindo, consagram a afirmativa de que na prática a teoria é outra (SANTOS, 2006, p. 56).

Nessa mesma direção de análise, a autora salienta que os instrumentos e as técnicas profissionais não proveem, de imediato, de um referencial teórico. Este contribui e é condição essencial para a escolha dos meios mais adequados a uma determinada intervenção com objetivos pautados em uma dada perspectiva teórica. O conteúdo dos instrumentos e das técnicas utilizadas pelo assistente social é norteado pela teoria que o informa, subsidiando sua utilização e possibilitando mediações necessárias à passagem da teoria à prática.

A esse respeito, Baptista (2009, p. 30) esclarece que o referencial teórico assumido pelo profissional oferece bases para seu trabalho e expressa “um posicionamento teórico-metodológico, o qual leva a uma apreensão específica do real e exprime a versão do profissional sobre ele sem, no entanto, modificá-lo. ” Do mesmo modo, exemplifica a autora: a fotografia depende do ângulo, do equipamento utilizado, do senso estético, mas ela não muda a realidade, muda a apreensão que se tem dela.

Em outros termos, o que a teoria modifica, de imediato, é o conhecimento que se tem sobre o concreto (produto das ações práticas do homem), não o próprio concreto, uma

vez que este pode continuar o mesmo no plano empírico. Compreender essa relação é essencial para não esperar de uma direção teórica o que ela não tem condições de oferecer.

Em uma reunião, por exemplo, com mulheres vítimas de violência doméstica, será o suporte teórico-metodológico que permitirá ao profissional desvendar os fatores que explicam aquela violência na complexidade de suas determinações. Este permitirá, ainda, que o assistente social estabeleça as interconexões entre as situações manifestas, seu caráter contraditório e sua mutabilidade, mas não oferecerá determinadas competências que auxiliem o assistente social a: perceber os sujeitos (usuários de seus serviços), relacionar-se e sensibilizar-se com eles, além de dialogar, refletir, problematizar e sintetizar suas necessidades, bem como, decodificar processos e linguagens, esclarecer, negociar, discutir e confrontar, quando não é mais possível dialogar com gestores, equipe, conselhos, rede etc..

O suporte teórico tampouco oferecerá conhecimentos específicos para essa reunião: sua preparação; a construção da pauta; o envolvimento dos sujeitos; a escolha e o uso dos recursos técnicos, pedagógicos e artísticos; o desenvolvimento *stricto sensu* da reunião; as formas de abordagem, de comunicação, de avaliação e de registro... Por esse motivo, Guerra assinala que:

[...] além dos conhecimentos de base teórica, faz-se necessário que se produza e se difundam conhecimentos e saberes de natureza prático-interventiva sobre o próprio Serviço Social, sua funcionalidade, seu *ethos*, meios e modos de operar, conhecimentos esses que sejam capazes de enfrentar o conservadorismo teórico e metodológico que historicamente conforma a profissão e se recicla no seu interior (GUERRA, 2004, p. 10).

Nesse sentido, a formação em Serviço Social deve oferecer um conjunto de competências que, articuladas entre si e não isoladas, possibilite ao profissional analisar, criticamente, a realidade social e, em convergência com sua análise, desenvolver uma intervenção qualificada.

Por conseguinte, é preciso esclarecer os equívocos que envolvem o papel da teoria social de Marx no exercício profissional. A teoria social, ainda que ilumine e perpassa a totalidade do trabalho do assistente social, não oferece conhecimentos específicos para o desenvolvimento de sua ação, mas conteúdos teórico-políticos que lhes darão consistência.

Uma obviedade que apoia a reflexão acima, não óbvia para muitos, é que a teoria social tem a função de oferecer parâmetros para uma análise criativa que “recupere as especificidades do processo de formação da sociedade nacional, dos movimentos e inflexões conjunturais, dos atores e forças políticas aí presentes” (IAMAMOTO, 1997, p. 179).

Nesses termos, pode-se afirmar que a aproximação do Serviço Social com a teoria de Marx permitiu analisar a profissão no processo de produção e reprodução das relações sociais, particularizando sua inserção na divisão social e técnica do trabalho e reconhecendo o assistente social como trabalhador assalariado. Essa interpretação da profissão apontou outro eixo analítico, ao salientar o primado da produção na constituição dos sujeitos sociais.

Esta perspectiva destaca, fundamentalmente, a historicidade do Serviço Social, entendido no quadro das relações sociais entre as classes sociais e destas com o Estado. Implica, pois, em compreender a profissão como um processo, vale dizer, ela se transforma ao transformarem-se as condições e as relações sociais nas quais ela se inscreve (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL; CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 1996, p. 4).

Com base nessa perspectiva, a categoria trabalho é assumida como eixo central da vida social. A sociedade capitalista é tratada de acordo com suas especificidades: a divisão social do trabalho, a propriedade privada, o conflito e os antagonismos de classes, as relações de exploração e de dominação e, ainda, as suas formas de alienação e de resistência.

Ademais, o recurso a essa orientação teórico-metodológica no Serviço Social proporcionou avanços no arsenal teórico, prático e investigativo da profissão, permitindo aos assistentes sociais ultrapassarem a condição de meros executores de políticas, programas e projetos, para assumirem, nas últimas três décadas, a condição de planejadores e de gestores das políticas.

Igualmente, possibilitou aos profissionais a compreensão da sociedade capitalista em uma perspectiva de classe, a investigação do capital enquanto relação social e a análise da questão social como resultado das contradições do modo de produção capitalista, na sua maneira conflitante de produzir e de se apropriar da riqueza socialmente produzida. Possibilitou, ainda, a apreensão da centralidade do trabalho na sociedade, das sequelas da

questão social como matéria prima de sua intervenção e do caráter contraditório das políticas sociais, mediante exame rigoroso e substancial da realidade em sua totalidade.

Indubitavelmente, a omissão dessa análise da realidade poderá trazer consequências desastrosas para o trabalho profissional, a exemplo de respostas conservadoras e de leituras parciais e incongruentes que não ultrapassam a análise descritiva ou fragmentada das situações apresentadas, levando o assistente social a permanecer na impressão das coisas, desdobrando-se naquilo que Bourdieu (2002) denominou de modo bastante assertivo de ilusão da transparência, ou seja, a ilusão de que os fenômenos sociais falam por si mesmo.

Nesse nível de apreensão teórico-profissional, a realidade é tomada tal como se coloca, imediatamente, aos sentidos, limitada ao observável e, de preferência, ao quantificável. Nesse sentido, Netto (2009, p. 674) adverte que, para Marx, “não cabe ao cientista “olhar”, mirar o seu objeto - o “olhar” é muito próximo dos pós-modernos, cuja epistemologia “suspeita da distinção entre aparência e realidade.”

Nesse contexto, o balanço crítico da renovação profissional e a maturidade do Serviço Social alcançada, a partir de sua relação com o marxismo, criaram as condições objetivas para o avanço no âmbito do ensino, da pesquisa e do exercício profissional. Esse processo tem indicado, claramente, os parâmetros sustentadores de uma formação profissional crítica, atrelada aos desafios do tempo presente.

### **Considerações finais**

A partir das considerações em relação aos equívocos, no âmbito do Serviço Social, decorrentes do entendimento das teorias sociais macroscópicas como possíveis receituários para o trabalho profissional, mais precisamente, da teoria social de Marx, como um exequível manual ou guia interventivo, é fundamental identificar qual o papel, os limites e as possibilidades da teoria na ação profissional. Nesse sentido, cabe identificar as particularidades que marcam a relação teoria e prática na perspectiva do materialismo histórico e dialético. A compreensão equivocada dessa relação tem, por consequência, desdobramentos na formação e no exercício profissional, contribuindo para perpetuar a falsa cisão entre teoria e prática.

A teoria social de Marx subsidiará, ou ainda, nos termos de Baptista (2009), servirá de base para o diálogo e para a intervenção do profissional com a realidade. Será apoiado em um estudo – baseado na perspectiva da totalidade, abrangendo as determinações históricas, as conjunturas e as situações específicas – que o profissional construirá seus conhecimentos sobre a questão a ser trabalhada e saberá quais os instrumentos e as técnicas adequadas para operacionalizar, no cotidiano, o seu trabalho.

Há que se ter claro que, na perspectiva marxiana, a teoria é uma “expressão abstrata do movimento da sociedade, das relações entre os homens e deles com a natureza” (BAPTISTA, 2009, p. 29). Para Marx, a teoria é o conhecimento do objeto tal como ele é em si mesmo, em sua existência concreta, independe das vontades e representações dos sujeitos. Por isso mesmo, não é sua função oferecer às profissões e aos seus agentes modelos e manuais interventivos para que possam operar sua intervenção, embora esse seja o desejo e o apelo de muitos. O método em Marx, conforme assinala Netto,

[...] não é um conjunto de regras formais que se “aplicam” a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade, para “enquadrar” o seu objeto de investigação (NETTO, 2009, p. 684).

Evidentemente, a teoria social aglutina e indica os elementos transformadores da realidade, mas, para isso, são necessárias mediações, visto que esta não é capaz de, por si só, processar alterações concretas na realidade, demandando ação consciente dos sujeitos nesse processo e meios capazes de promovê-las.

Importa lembrar que, mesmo sob condições, historicamente, determinadas, que independem de sua vontade, são os homens que fazem a História (MARX; ENGELS, 1998), daí exercerem papel fundamental na construção, manutenção e transformação da sociabilidade.

Ao se considerar que, para a execução da prática profissional, é suficiente um bom ensino teórico, “está se acreditando que a teoria transmuta, de forma imediata, em ações e que os instrumentos são aferidos diretamente de uma direção teórica.” (SANTOS, 2006, p. 85). Para desfazer esse equívoco, reafirma-se a necessidade de esclarecer o papel da teoria social no exercício profissional. Para tanto, é preciso pensar a relação teoria e prática

como unidade na diversidade, embora com características diferenciadas, mas que só se realizam em interação mútua, ou seja, como totalidade.

O recurso à teoria social de Marx revela-se, extremamente, importante e eficaz ao trabalho do assistente social. Certamente, tal recurso coloca grandes exigências intelectuais, mas perfeitamente solucionáveis mediante o estudo e a prática político-investigativa.

Ao profissional que pretende desenvolver um trabalho compatível com essa perspectiva cabe, além da permanente capacitação/formação, dispor de uma visão global da dinâmica societária, pois somente com o estudo sistemático da realidade é possível empreender análises críticas, depuradas e contundentes sobre ela. É esse processo que permitirá ao assistente social ter clareza sobre: as contradições que permeiam as relações capitalistas, o significado da profissão nesse contexto e o papel do Estado, das instituições e das políticas sociais.

Ao adotar o marxismo como referência analítica, o Serviço Social ampliou suas competências teóricas, investigativas, políticas e operativas, pois tal opção exige: pesquisa acerca da natureza de sua formação, de sua história, de sua intervenção e, especialmente, acerca da realidade econômica, política, social e cultural onde se inscreve como profissão na divisão social e técnica do trabalho.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL; CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Proposta básica para o projeto de formação profissional. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 50, 1996.

BAPTISTA, M. V. A relação teoria/método: base do diálogo profissional com a realidade. In: BAPTISTA, M. V.; BATTINI, O. *A prática profissional do Assistente Social: teoria, ação, construção do conhecimento*. São Paulo: Veras, 2009.

BARROCO, M. L.; TERRA, S. H. *Código de ética do/a assistente social comentado*. São Paulo: Cortez, 2012.

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2002.

CHAUÍ, M. S. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, set./dez. 2003.

DURKHEIM, É. *A ciência social e a ação*. São Paulo: Difel, 1975.

- GUERRA, Y. A. D. No que se sustenta a falácia de que na prática a teoria é outra? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL – ENPESS, 11., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2004. CD-ROM.
- IAMAMOTO, M. V. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboços de uma interpretação histórico-metodológica*. 36. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.
- MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K. *Para a crítica da economia política e outros escritos*. São Paulo: Abril, 1974. (Coleção Os Pensadores)
- NETTO, J. P. Introdução ao método na teoria social. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília, 2009. p. 667-700.
- NETTO, J. P. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- NETTO, J. P. A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea. In: Capacitação em Serviço Social e política social. Módulo 2: *Os impactos da crise no Serviço Social: demandas e respostas*. Brasília: CEAD, 1999. p. 93-108.
- NETTO, J. P. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo: Cortez, n. 50, 1996.
- SANTOS, C. M. *Os instrumentos e técnicas: mitos e dilemas na formação profissional do assistente social*. 2006. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- YAZBEK, M. C. Editorial Serviço Social e pobreza. *Revista katálysis*, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2010.
- YAZBEK, M. C. Fundamentos histórico e teórico-metodológicos do Serviço Social. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: 2009. p. 143-164.

Recebido em: 08/08/2015

Aprovado em: 02/05/2016